

Análise da Conversa: um percurso histórico

Conversation Analysis: a historical itinerary

Mayara de Oliveira Nogueira¹
Antônio Barboza da Silva Júnior²
Caroline Moreira Callegari³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar um recorte relativamente breve do processo histórico que culminou na emergência da Análise da Conversa Etnometodológica, área que se preocupa com a fala-em-interação e com a interação humana através de diversas linguagens, e discorrer sobre a forma como ela se estabelece nos dias atuais. Para tanto, parte-se da publicação do *Cours de linguistique générale* na tradição de pesquisas em Linguística, do desenvolvimento da teoria da ação social no contexto da pesquisa em Sociologia e da concepção da pesquisa etnográfica na tradição em Antropologia. Entende-se que os desdobramentos destes marcos históricos das três grandes áreas resultaram na associação dos estudos linguísticos à Sociologia e à Antropologia, culminando no surgimento da Análise da Conversa.

Palavras-chave: etnografia; Análise da Conversa; fala-em-interação; percurso histórico.

Abstract: This article aims to present a relatively brief excerpt of the historical process that culminated in the emergence of Ethnomethodological Conversation Analysis, an that is concerned with speech-in-interaction and human interaction through different languages, and discuss How does it settle down nowadays. In order to do so, it starts with the publication of the *Cours de linguistique générale* in the tradition of research in Linguistics, the development of the theory of social action in the context of research in Sociology and the conception of ethnographic research, in the tradition of Anthropology. It is understood that the unfolding of these historical landmarks in the three major areas resulted in the association of linguistic studies with Sociology and Anthropology, culminating in the emergence of Conversation Analysis.

Keywords: ethnography; Conversation Analysis; talk-in-interaction; historical route.

¹ Multivix, Vila Velha, ES, Brasil. Endereço eletrônico: nogueiradv@hotmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: antonio.j@outlook.com.

³ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: carolinemcallegari@gmail.com.

Introdução

Em incursões históricas que se ocupam de compreender as tendências investigativas da Linguística, há um senso comum a respeito da existência de estudos que, na condição de filiados a esta *tradição mãe*, foram ao longo do tempo se consolidando e que se desenvolveram ora paralelamente, ora dialogando entre si. De modo geral, esses estudos⁴ tomavam a linguagem como objeto, tornando-a tema de teses que fizeram a ainda jovem Linguística do século XX consistir em um campo promissor de estudos. Cabe dizer ainda que um diálogo produtivo com diversas áreas do saber foi fortalecido ao longo do tempo, principalmente em razão do período da chamada virada pragmática⁵, sendo perceptível à mesma época uma relação entre eventos relevantes que marcaram a Linguística, a Sociologia e a Antropologia, tendo isso resultado em uma reconfiguração específica nos estudos sobre a fala, tema caro à reflexão empreendida neste texto.

Considerando estudos que se desenvolviam nessas três grandes áreas do saber, este trabalho se ocupa da exposição de uma prévia contextualização histórica que costura algumas relações entre a Antropologia, a Sociologia e a Linguística e se coloca na tentativa de estabelecer os vínculos históricos que são pertinentes no recorte narrativo iniciado por tradições que se desenvolveram sem um diálogo direto, a priori, e que tiveram como marco em suas respectivas tradições três acontecimentos que, para o ponto de vista que se objetiva trazer, tornam-se relevantes na construção de uma perspectiva de que os eventos, as transformações no campo científico e as tendências que se desenvolveram no interior da linguística não se deram apenas internamente, mas também concertadamente dentro de um contexto de produção científica. Os marcos que se destacam são: I. a publicação do *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral), na tradição da pesquisa em Linguística; II. o desenvolvimento da teoria da ação social, na tradição de pesquisa em Sociologia; III. o desenvolvimento da etnografia, no interior da tradição em Antropologia.

Este trabalho, afinal, tem o objetivo de sintetizar a história que resultou na inauguração da vertente de estudos conhecida na modernidade recente como Análise da Conversa, um ramo fecundo de investigação da linguagem que toma como objeto um fragmento específico e

⁴ Os estudos aos quais nos reportamos se referem a obras que lograram um quadro teórico consistente para a Linguística já no fim do século XIX com as rupturas epistemológicas propostas pelos neogramáticos no interior dos estudos sobre a linguagem. A exemplo, citamos *The Life and Growth of Language* (A vida e o crescimento da linguagem), publicação datada de 1875, em que William Dwight Whitney já refletia sobre a língua admitindo-a como uma instituição social, em uma leitura muito aproximada à compreensão saussureana. Outra publicação datada também da mesma época são os *Prinzipien der Sprachgeschichte* (Princípios da história da língua), livro publicado por Hermann Paul em 1880 e recentemente creditado como uma obra pioneira na tradição neogramática.

⁵ Ver Oliveira (1997), publicação em que o autor reflete sobre os desdobramentos e reviravoltas impulsionados pelo pragmatismo filosófico no interior da Linguística.

limitado daquele que é compreendido de forma mais generalizada pela Linguística. Sendo assim, cabe dizer, *a priori*, que na Análise da Conversa, o interesse do investigador (o analista da conversa) volta-se apenas para uma parcela do objeto tomado como relevante pela Linguística: neste caso, interessa ao analista a língua como instrumento utilizado para concretizar a fala-em-interação. Em termos saussureanos, costuma-se dizer que o analista da conversa está interessado na investigação da *parole*.

Historicamente, sobre o ramo da Análise da Conversa, vale ressaltar que, para compreendê-lo de modo coerente, o leitor deve considerar que as investigações da Linguística vinculadas a ele se desenvolveram de forma concorrente com estudos articulados a outras áreas do saber científico, principalmente a Sociologia e a Antropologia. As áreas de investigação ora citadas, cujas histórias são bastante estimadas para aquele que deseja compreender os estudos da fala-em-interação, também necessitam do seu devido espaço nesta incursão, assim como alguns dos nomes mais proeminentes que se vinculam a elas.

Ainda sobre a variedade de estudos linguísticos surgidos desde o manifesto dos neogramáticos, vale ressaltar que o presente trabalho não faz menção a todos, pois, embora se saiba da possibilidade de exploração dos contrapontos entre a Análise da Conversa e outros ramos de estudo, não se mostra produtora a escolha por este itinerário de escrita, dada a limitação deste artigo. O foco, portanto, é observar quais pontos de contato que convergiram historicamente para a inauguração da Análise da Conversa.

Este trabalho está dividido sequencialmente em uma primeira seção na qual busca-se uma apresentação sucinta dos desdobramentos que resultaram na fundação da Análise da Conversa, uma segunda seção reservada para apresentação do contexto da pesquisa em Análise da Conversa no Brasil e uma seção de considerações finais em que fazemos um balanço sobre as contribuições que se revelam como viáveis nos desdobramentos dos estudos vinculados à Análise da Conversa.

Na seção a seguir, relativa ao desenvolvimento histórico da Análise da Conversa, destacam-se as exposições sobre alguns marcos históricos importantes que se desdobraram em três tradições de pesquisa distintas e que curiosamente se relacionam com algumas das preocupações relevantes para a construção de um entendimento sobre qual é a ocupação de um analista da fala-em-interação.

As tradições de pesquisa associadas ao estudo da fala-em-interação

A linguística, assim, se fez uma ciência com fronteiras legítimas e expressamente delimitadas desde a publicação póstuma do *Cours de Linguistique Générale* (Curso de

Linguística Geral), reconhecidamente o texto que consolida, desde sua primeira edição, a autoridade científica da Linguística, que já se desenvolvia de forma seminal nas obras dos neogramáticos.

Em um processo concorrente à consolidação da Linguística moderna, enquanto estudos pré-saussureanos alçavam um lugar de prestígio para esse quadro teórico, um curioso movimento em torno da designação do pesquisador de campo também se consolidava, estabelecendo parâmetros e explorando os modos de consistir da experiência etnográfica, método de ambientação para o estudo de culturas que também passa a ser acolhido como o método de investigação preferido dos antropólogos no fim e o início dos século XIX e início do século XX.

A atual crise — ou melhor, dispersão — da autoridade etnográfica torna possível marcar em linhas gerais um período, limitado pelos anos de 1900 e 1960, durante o qual uma nova concepção de pesquisa de campo se estabeleceu como a norma para as antropologias americana e europeia. O trabalho de campo intensivo, realizado por especialistas treinados na universidade, emergiu como uma fonte privilegiada e legitimada de dados sobre povos exóticos. (CLIFFORD, 2002, p. 20).

Clifford (2002) explora historicamente o desenvolvimento do método que mais tarde vem a ser reconhecido sob a expressão de *observação participante*. Enquanto se reporta a Ginzburg (1990), o autor reflete sobre a autoridade etnográfica nos estudos sobre as culturas e também chama atenção para compreensões que passavam a privilegiar o que ele define como “um modo disciplinado de compreensão, não-generalizante e abduativo, que é de importância central para as ciências culturais” (CLIFFORD, 2002, p. 38). Essa descrição dada pelo autor para o método em pauta na sua escrita é desenvolvida em Ginzburg (1990), sob o nome de *paradigma indiciário*, constituindo uma tendência de observação em que a atenção aos indícios passa a ser percebida como contributiva para o êxito de atividades variadas da vida cotidiana, e, principalmente, contributiva para a observação própria dos meios de produção científica.

Conscientes ou não dos movimentos sustentados em Ginzburg (1990), estudos inclinados a tendências variadas que circulavam no universo da Linguística passam a ratificar em suas práticas a potência deste *paradigma indiciário* no desenvolvimento de estudos e em descrições de línguas, por exemplo. Esse conjunto de práticas pontuadas em Clifford (2002) se perpetuou não apenas produzindo um forte intercâmbio entre a Linguística e a Antropologia, mas, conforme observa Lévi-Strauss (2015), também subsidiou a formulação de respostas a inquietações em um intercâmbio entre elas e a Sociologia. Um exemplo clássico de um

resultado exitoso desse intercâmbio no interior da Linguística é o trabalho empreendido nas análises de discurso, tendência em que a observação dos índices discursivos subsidia a criação dos *corpora* analisáveis. Trazendo essa concepção para a Análise da Conversa, é válido destacar que o índice⁶ é também uma unidade relevante dentro desse quadro e que esse é um paradigma que constitui o trabalho analítico-conversacional⁷.

Conforme citamos anteriormente, o impulso da ruptura epistemológica proposta pelo *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral), atribuído a Saussure, fez com que a Linguística se consolidasse a partir de seus anos seguintes como um modelo exitoso e inspirador para a Antropologia e a Sociologia, áreas que, em função disso, produziram um forte intercâmbio com a Linguística, conforme observa Lévi-Strauss (2015). Essa ascensão no campo científico e as trocas resultantes dela com as grandes áreas de estudo já citadas resultou no surgimento de ramificações que não poderiam ser vistas e aqui estudadas de uma maneira reduzida e, embora se costume colocar algumas destas em um estado de quase oposição mútua, deve-se considerar as complementaridades desses ramos de estudos, sobretudo levando em conta a tese saussureana de que o ponto de vista cria o objeto (SAUSSURE, 2008, p. 15).

Surge assim, desde o nascimento da linguística moderna, em face de um discurso de caráter estrutural e insistindo essencialmente na *forma* da língua, outro discurso que insiste em suas *funções* sociais. E, durante quase meio século, esses dois discursos vão se desenvolver de modo paralelo, sem nunca se encontrar. (CALVET, 2002, p. 17)

A linguística se constituiu como ciência autônoma e se desenvolveu ao longo do século XX a partir de uma opção forte sobre qual deveria ser seu objeto de estudo: a *langue*, em detrimento da *parole*, para Saussure; a *competência*, em detrimento da *performance*, para Chomsky. Em um caso, a *langue* é concebida como um objeto homogêneo, um patrimônio social que se mantém independentemente dos falantes (Saussure, 1969:22-23); em outro, a *competência* é concebida como um objeto mental que é o conhecimento que as pessoas têm de suas línguas (Chomsky, 1965:3-4; 1986). (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p. 9)

⁶ Loder (2008) chama a atenção para o fato de que detalhes de uma interação registrada apenas em um diário de campo “podem ser facilmente negligenciáveis à primeira vista, passando despercebidos” (LODER, 2008, p. 128). À luz desta observação, é importante dizer que quando a literatura em AC se refere ao termo índice, está chamando atenção para um conceito etnometodológico, que se traduz como a presença visível de algum traço latente, característica perceptível, distinção notável ou qualquer peculiaridade que se apresente como relevante na apreensão de uma ocorrência interacional. Watson e Gastaldo (2015) discorrem sobre este tema a partir do ponto de vista etnometodológico no segundo capítulo do livro *Etnometodologia & Análise da Conversa*.

⁷ O trabalho do analista da conversa compreende não apenas a observação de campo. Como uma política empírica, a AC prevê a utilização de equipamentos de captação e gravação em áudio e vídeo de ocorrências naturalísticas da interação. É importante mencionar, sobre o assunto, que “[...] a gravação das interações adequava-se mais aos propósitos analíticos da ACE, porque, além de permitir registrar os encontros tal qual ocorreram [...] os registros em áudio permitiam ouvir o material repetidas vezes [...]” (LODER, 2008, p. 128). A audição minuciosa dos materiais gravados durante este trabalho, faz do analista uma espécie de captador humano de índices interacionais dentro do contexto analisado.

De fato, dentro da tradição de pesquisas em linguística, duas visões concorrentes se desenvolviam: uma de caráter mais abstracionista (epistemologicamente mais interessada na *langue*), sendo a mais privilegiada, e outra de caráter mais interacional (epistemologicamente mais interessada na *parole*). A jovem ciência, então, aprofundou o seu intercâmbio com esses outros campos do saber com os quais já dialogava, e isso resultou na consistência dessas duas visões. Sem dúvida, essa troca contribuiu de maneira incomensurável na formulação de perguntas que, mesmo reconhecendo os limites estabelecidos previamente, seguiram nos anos seguintes explorando os contornos ainda fluidos de uma tradição na qual muros e fronteiras se foram construindo.

Durante o tempo em que algumas dessas práticas de pesquisa convencionais se consagravam na Linguística, temos o importante desenvolvimento de uma terceira grande tradição de pesquisa, mais vinculada ao legado da Sociologia, também entre o fim e o início dos séculos XIX e XX. O desenvolvimento da chamada *teoria da ação social* é um outro ponto de contato de relevante interpretação com a sua devida interface nos estudos linguísticos.

Vale ressaltar que, *a priori*, embora essa teoria pautasse a linguagem em suas literaturas, a epistemologia consagrada no seu interior ainda apresentava pouca relação com os estudos da linguagem se comparada, por exemplo, com o modelo explorado por Meillet. A associação deste autor às convenções da sociolinguística se deve à sua assertiva exploração da tradição durkheimiana em interface com a noção de *fato social*⁸, conceito explorado na obra atribuída a Saussure.

Por seu turno, Alfred Schütz, fenomenólogo proficuamente influenciado pelos pressupostos de Husserl e Weber, publica um trabalho que inaugura uma nova forma de pensar a *teoria da ação* que se desenvolvia em uma tradição de pesquisa sociológica.

Desde os seus escritos mais antigos, Schütz ressaltava que o mundo é interpretado à luz de categorias e construtos do senso comum que são largamente sociais em sua origem. Esses construtos são os recursos com os quais os agentes interpretam suas situações de ação, captam as intenções e motivações dos outros, realizam compreensões intersubjetivas e ações ordenadas e, de maneira mais geral, navegam no mundo social. (HERITAGE, 1999, p. 329)

⁸ Ver Saussure (2008) e Calvet (2012).

Partindo dessa compreensão, Harold Garfinkel⁹, estudioso vinculado a pesquisas que à época eram mais marginalizadas no contexto das ciências sociais, passa a empreender experiências que tinham a finalidade de perceber em que medida os interagentes também construía as suas compreensões da vida social na qual estavam imersos. Talcott Parsons, orientador de Garfinkel, defendia, em contrapartida, a ideia de que os atores sociais portavam uma compreensão da realidade que, em alguma medida, deveria ser desconsiderada analiticamente. Em excerto encontrado em Heritage (1999), temos expressa a lógica segundo a qual Garfinkel se orienta para questionar os pressupostos de Parsons, redirecionando assim sua escolha por um método que considerasse as compreensões dos próprios interagentes em suas trocas cotidianas.

Em vez de começar com uma versão privilegiada da estrutura social segundo a qual os participantes são tratados como se se orientassem com vários graus de erro, esse procedimento implica que o analista deve suspender todos e quaisquer compromissos com versões privilegiadas da estrutura social - incluindo as versões adotadas tanto pelo analista quanto pelos participantes - em favor do estudo de como os participantes criam, reúnem, produzem e reproduzem as estruturas sociais para as quais se orientam. Esta é a famosa política da 'indiferença etnometodológica' (Garfinkel & Sacks, 1970) que gerou tantos mal-entendidos e tantas discussões." (HERITAGE, 1999, p. 332)

Em outras palavras, para entender como os sujeitos se organizam socialmente, é necessário tornar relevante que, na interação, os participantes produzem e reproduzem estruturas para as quais se orientam e que não necessariamente essas estruturas são as mesmas concebidas pessoalmente pelo agente que empreende a pesquisa. Além disso, a noção privilegiada de estrutura (aquela estudada principalmente no ambiente acadêmico) ou qualquer outra concepção estrutural formal¹⁰ da organização social necessita, ao menos em um primeiro momento, ser ignorada em detrimento de uma análise *in situ*.

De maneira análoga à dificuldade de difusão percebida na recepção da política de investigação orientada por uma *indiferença etnometodológica*, posição atribuída por Heritage (1999) a Harold Garfinkel e Harvey Sacks, é relevante observar ainda que Geertz (2005), em um de seus textos sobre a etnografia (mais situada no contexto da Antropologia), revela outro impasse de uma escrita que é percebida em uma relação de proximidade com a tradição das narrativas literárias, exceto, neste caso, pela condição de que o agente orientado pela metodologia de campo estava, no ato de produção da sua etnografia, transitando, durante a

⁹ Ver Garfinkel (2018).

¹⁰ Ver no capítulo 2 de Watson e Gastaldo (2015) uma crítica detalhada às oposições sociológicas tradicionais de nomenclaturas como micro e macro, termos que demonstram pouca interface com o quadro etnometodológico.

escrita, em um minucioso processo no qual ficavam latentes duas preocupações: “uma é a preocupação científica de não ser suficientemente neutro, outra, a preocupação humanística de não estar suficientemente engajado” (GEERTZ, 2005, p. 28).

Sobre o elucidado, cabe observar, em alguma medida, que sendo também a Análise da Conversa um resultado desse conjunto de tradições, isso também a faz herdar alguns desses impasses que, conforme observa Geertz (2005), já tomam o seu devido relevo no período entre 1900-1960 em reflexões sobre a etnografia.

À luz das preocupações reveladas no contexto da produção destes dois campos distintos do saber científico, observa-se, para além de muitas outras peculiaridades vinculadas às duas áreas (Antropologia e Sociologia), uma ideia fixa em torno da busca pela fidedignidade do *objeto*¹¹ representado. Uma em resultado do impasse analítico afetado pela análise macroestrutural em detrimento de uma análise situada (preocupação da Sociologia); e outra em resultado do impasse do subjetivismo impresso em resultado da identidade do agente da pesquisa etnográfica (inquietação da Antropologia).

Sobre essa preocupação, que parece ser uma questão metodológica na direção de conceber um *objeto*, é oportuno observar novamente que “Longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 2008, p. 15). Seguindo a leitura de Frank e Kanitz (2013), é possível encontrar agora uma curiosa interface com as dificuldades expressas nas tradições epistemológicas citadas anteriormente, condição da qual a etnografia e a própria Análise da Conversa também parecem não poder escapar: o ponto de vista cria o objeto de tal modo que o seu próprio processo de formulação implica a perspectiva de que o analista observa como relevante algum aspecto sobre ele.

Perseguindo uma outra preocupação observável a partir do paradigma *ponto de vista vs. objeto*, Garfinkel, um dos expoentes da então *Teoria da Ação Social*¹², empreende esforços para fortalecer a tese de que a investigação da ação social deveria se dar a partir da concepção de que os membros de uma sociedade empreendem ações orientadas por métodos que têm sua

¹¹ Nos últimos anos a noção de *objeto de estudo* vem sendo questionada por diferentes antropólogos. A noção de objeto, de acordo com a tradição antropológica recente, diminui o lugar dos indivíduos como expressão concreta do objeto. Sendo assim, novos conceitos vêm sendo utilizados, tendo em vista que a Antropologia tem chegado até esses grupos em que a cultura é estudada. Essa discussão está presente mais amplamente no livro *Aprender Antropologia*, de Laplantine (1988).

¹² “Nos Estados Unidos, Schütz desenvolveu sua própria teoria da ação social, que, incluindo a contribuição do filósofo pragmatista George Herbert Mead, resultou em um livro teoricamente muito sofisticado, chamado *The Phenomenology of the Social World* (A fenomenologia do mundo social, ainda não traduzido para o português), publicado pela primeira vez em 1932. Em seu livro, Schütz critica a teoria da ação social de Weber, bem como a de outro importante sociólogo americano, chamado Talcott Parsons.” (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 20)

origem no conhecimento leigo. Sobre essa posição (por muito tempo incompreendida na sociologia tradicional), Watson e Gastaldo (2015) refletem:

Numa larga medida, o desprezo pelo entendimento das pessoas deriva do cientificismo característico da sociologia convencional, na qual as descrições do mundo e da ordem social propostas pelos ‘nativos’ são tratadas como sendo inferiores àquelas mais ‘científicas’, propostas pelos cientistas sociais. Esta é a origem do que se convencionou chamar de ironia metodológica da sociologia: ela ocorre quando o cientista social se coloca em competição com as pessoas comuns, com os ‘nativos’, uma competição em que os cientistas sociais sempre puxam os resultados a seu favor. (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 33)

O resultado dessa posição que não se afirma apenas em função de uma benevolência epistemológica com os *informantes* da pesquisa acena não apenas para o compromisso ético com representações fidedignas da ação social, mas pressupõe uma profunda cautela e um rigor metodológico que orienta a escrita vinculada à etnometodologia. Não é incomum que seja este um dos principais aspectos que fazem a própria Análise da Conversa¹³ ser enxergada como uma política de investigação de forte parentesco com a Etnometodologia.

Em consonância com o modelo de investigação êmico, proposto por Garfinkel, os então autores do artigo publicado sob o título *A simplest Systematics for the Analysis of Turn-taking in Conversation*¹⁴ – isto é, Harvey Sacks, Emmanuel Schegloff e Gail Jefferson – orientam-se para descrever as regularidades notáveis da fala-em-interação em um texto que se torna a então publicação mais proeminente da recém designada Análise da Conversa Etnometodológica.

Como os(as) etnometodólogos(as), e associados a eles(as), os analistas da conversa formaram um grupo que rompeu com a sociologia convencional entre os anos de 1960 e 1970, propondo uma ciência social radicalmente alternativa. Mesmo que hoje essas duas abordagens existam de modo independente, acreditamos que muitas de suas afinidades eletivas permanecem. (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 85)

Em linhas gerais, definimos, em acordo com Watson e Gastaldo (2015), que a preocupação latente da qual se ocupam as pesquisas alinhadas à metodologia da Análise da Conversa é a de compreender como os interagentes empreendem suas ações por meio dos

¹³ Alguns autores vinculados à AC preferem se referir a ela dando também a devida ênfase a esta íntima relação com a etnometodologia, passando então a adotar a expressão Análise da Conversa Etnometodológica.

¹⁴ Traduzido para o português no âmbito da disciplina Estágio Supervisionado de Tradução, do curso de Bacharelado em Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, ministrada pela Professora Dr^a. Maria Clara Castellões de Oliveira. Coordenação da tradução: Professores Drs. Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago. Revisão técnica: Letícia Ludwig Loder (UFRGS), Dr. Paulo Cortes Gago UFJF), Dr. Pedro de Moraes Garcez (UFRGS).

chamados etnométodos que são empregados para a realização efetiva dos turnos que compõem a conversa, sendo o ato dessa análise tão situado e rigoroso com a representação da sequencialidade¹⁵ ao ponto de o agente da pesquisa não considerar, pelo menos *a priori*, o contexto maior em que as ações verbais se consolidam.

Conseqüentemente, deve haver algum aparato formal que seja ele mesmo livre de contexto, de forma que ele possa, em ocorrências locais de sua operação, ser sensível a vários parâmetros da realidade social em um contexto local e a eles exibir sua sensibilidade. Deve-se esperar que alguns aspectos da organização da conversa tenham esse status de serem livres de contexto e sensíveis ao contexto; pois, é claro, a conversa é um veículo para a interação entre partes com quaisquer identidades potenciais e com qualquer grau de familiaridade potencial. (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003, p. 14)

Em outras palavras, em Análise da Conversa, embora consideremos que o sistema de troca de turnos (ou a conversa) descrito(a) por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003) seja “sensível a vários parâmetros da realidade social” (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003, p. 14), a compreensão comum deve ser a de que alguns aspectos da organização das conversas estão de tal forma assentados nos costumes linguísticos dos falantes que passam, então, a constituir não apenas como traços recorrentes do sistema de trocas de turno, mas efetivamente como “regramentos” que são sensíveis a um contexto tão perpetuado e cristalizado, que sua tendência é a de não expressarem mudanças, dada a condição de exposição efetiva e constante aos efeitos dele.

A publicação que é signatária desta e de outras ideias vinculadas à Análise da Conversa resultou, após a sua divulgação na revista *Language*, numa grande repercussão no contexto dos estudos linguísticos, conduzindo uma agenda de pesquisa antes situada no contexto da sociologia a se firmar finalmente como uma política de investigação também associada aos estudos da linguagem, vindo tornar o texto, conforme apontam Watson e Gastaldo (2015), o artigo mais citado ao longo de toda a história do periódico naquela época.

Na próxima seção, buscamos demonstrar alguns desdobramentos da difusão desta tendência contemporânea da linguística no contexto da pesquisa empreendida no Brasil em favor de suas orientações.

¹⁵ Loder, Salimen e Müller (2008) observam que “a noção de sequência refere-se ao fato de que as ações constituídas pelo uso da linguagem em interação social são organizadas em seqüências de elocuições produzidas por diferentes participantes” (LODER; SALIMEN; MÜLLER, 2008, p. 40).

A Análise da Conversa no Brasil

A Análise da Conversa surgiu nos Estados Unidos e ultrapassou fronteiras, chegando a muitos países, inclusive o Brasil. Porém, por aqui, seus estudos ainda são recentes. Uma discussão foi travada com a chegada da área ao Brasil, porque, em 1986, Marcuschi introduziu estudos que criavam uma relação direta da então chamada *Análise da Conversação* com a Linguística Textual. De maneira distinta à tratativa de Marcuschi (1986), o que hoje nós estudamos em Análise da Conversa tem relação com a interação humana que é realizada através de diversas linguagens. Garcez (2008) discorre sobre:

Em se falando de ACE no Brasil, é preciso mencionar a assim chamada Análise da Conversação (Marcuschi 1989), uma vertente produtiva da Linguística Textual que tomou a Análise da Conversa Etnometodológica [...] na sua formulação ainda inicial para empreender estudos sobre a língua falada no Brasil com fins de descrição linguística do ‘texto falado’, e também com fins de discussão da passagem da oralidade para a escrita, questão crucial para uma sociedade como a nossa, em que se precisa entender a passagem da oralidade para o letramento pleno a fim de acelerar o processo para as populações ainda alijadas até os dias de hoje da escrita e dos ‘discursos que se organizam a partir dela’ (Britto 1997, p.14). Não pretendo discutir a diferença entre as duas tradições, mas fica expresso aqui que, a meu ver, há diferenças teóricas e metodológicas robustas o suficiente para que se faça a distinção entre Análise da Conversação brasileira e a Análise da Conversa Etnometodológica da qual estamos tratando. (GARCEZ, 2008, p. 21)

Portanto, com o passar do tempo, outros caminhos também foram traçados pelos pesquisadores, distanciando-se da até então consolidada Análise da Conversação brasileira, tendo em vista o foco na Análise da Conversa Etnometodológica, pesquisa empírica dos métodos que o interagente utiliza para dar sentido e ao mesmo tempo realizar suas ações, conforme discorremos em nossa seção anterior.

Em se tratando de Análise da Conversa no Brasil, a área se expandiu rapidamente. Embora os estudos em português ainda não sejam volumosos, já se admite que a tradição brasileira tem um papel relevante no cenário mundial. Um exemplo em evidência é o trabalho empreendido por Ana C. Ostermann, renomada analista do quadro da Análise da Conversa que ocupa no período 2018-2022 a vice-presidência da *International Society for Conversation Analysis* (ISCA).

Pode-se considerar que a Análise da Conversa se concretizou enquanto uma área acadêmica a partir de alguns fatores. A criação de uma revista temática chamada *Calidoscópico*, que surgiu como um desenvolvimento de esforço conjunto na Associação Internacional em Linguística Aplicada (AILA), e apresenta amostras de estudos sobre a interação social.

Muitos grupos de pesquisa surgiram em vários centros acadêmicos no Brasil, segundo um levantamento feito por Ostermann e Garcez (2021): “PUC-Rio, UEM, UFJF, UFRGS, UFSC, Unisinos, Unifesp, USP” (OSTERMANN; GARCEZ, 2021, p. 144). A esse quadro, acrescentamos também a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com o Grupo Linguagem, Interação e Etnometodologia (GLIE), que, coordenado pelo Professor Dr. Roberto Perobelli, organizou em 2021 a terceira edição do Encontro de Análise da Conversa Etnometodológica (EnACE), sediado no Espírito Santo. Acrescentamos ainda a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o grupo de pesquisa Interação em Contextos Institucionais (ICI), coordenado pelo professor Paulo Gago, como uma das universidades em que há pesquisa em AC.

Outro evento importante no contexto paulista, programado para o ano de 2023, é a realização do IV EnACE na UNIFESP. O EnACE é um evento regular que já se encaminha para a sua quarta edição, e que foi acolhido desde a sua primeira organização, respectivamente, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em 2017, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), em 2019, e pela UFES, em 2021.

Muitos desafios de outras ordens surgiram junto ao amadurecimento desta política de investigação em solo brasileiro. As pesquisas acadêmicas serem majoritariamente em inglês é um deles. Porém, ao mesmo tempo que é desafiador, representa um estímulo para a produção de traduções e literatura de Análise da Conversa em português. Assim, a literatura em língua portuguesa tem colaborado muito com os estudos mais recentes em Análise da Conversa.

Um outro desafio para a realização desses estudos no contexto brasileiro é a produção de dados para análise, pois, aqui, a gravação da interação não é considerada uma atividade comum de pesquisa. Porém, a existência do Comitê de Ética em Pesquisas pode ser vista como um respaldo contra essa resistência, visto que essa é uma instituição que avalia os aspectos éticos de uma pesquisa, prezando pela segurança dos participantes, de uma forma geral, encaminhando, então, o contexto atual para um desdobramento em que essa prática passe a ser mais naturalizada na produção de trabalhos alinhados à tradição em Linguística.

Por fim, a Análise da Conversa Etnometodológica é uma área dentro da Linguística Aplicada que analisa a fala-em-interação em muitos contextos sociais, com contribuições em muitas áreas, como, por exemplo, a área da educação com a formação de professores; a área da saúde com análise da entrega de notícias difíceis de médicos a pacientes; a área forense, que revela práticas interacionais por parte de policiais.

Considerações finais

Buscamos demarcar, de maneira breve, o desenvolvimento histórico da Análise da Conversa como uma tendência linguística contemporânea. Entendemos que esta é uma área que dialoga com algumas outras áreas do saber, como a Sociologia e a Antropologia, por exemplo, e que tem a língua como parte de um mecanismo utilizado para concretizar a fala-em-interação.

A Análise da Conversa, como podemos concluir a partir do exposto, foi inaugurada em resultado das consequências de três eventos ocorridos no interior da Antropologia, da Sociologia e da Linguística. Sendo assim, foi instaurada como uma área de estudo consolidada que chegou ao Brasil e, aqui, conquistou entusiastas em muitos grupos de pesquisa, permitindo trabalhos empíricos sobre a linguagem que são relevantes e consideráveis, inclusive no cenário internacional.

Torna-se, também, possível afirmar que a Análise da Conversa, enquanto uma tendência linguística, trouxe, a partir de seu desenvolvimento histórico-metodológico, um novo olhar a respeito de como a sociedade se organiza e como as interações do cotidiano de cada indivíduo estão diretamente relacionadas à ação social humana.

Referências

- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, J. R. S. (Ed.). **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 17–62.
- FRANK, I.; KANITZ, A. “O ponto de vista cria o objeto”: relacionando a máxima saussuriana e a perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa Etnometodológica. **Cadernos do IL**, n. 46, p. 228-243, 2013.
- GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Fala-em-interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- GEERTZ, C. "Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita". In: **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 11 - 39.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Editora Companhia das Letras, 1990.
- HERITAGE, J. C. Etnometodologia. In GIDDENS, A. e TURNER, J. (org.). **Teoria Social Hoje**. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. 1a reimpressão, São Paulo: UNESP, 1999.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2015.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. **Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, p. 127-160, 2008.

LODER, L. L.; SALIMEN, P. G.; MÜLLER, M. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**, p. 39-58, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. In FIORIN, J. L. **Novos caminhos da linguística**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2017, p. 171-193.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. Edições Loyola, 1996.

PAUL, Hermann. **Prinzipien der sprachgeschichte**. Walter de Gruyter, 2010.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. 1) Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 7, n. 1 e 2, 2003.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2008.

WATSON, R.; GASTALDO, É. **Etnometodologia & Análise da Conversa**. Editora PUC-Rio, 2015.

WHITNEY, William Dwight. **The life and growth of language**. King, 1875.

Sobre os autores

Mayara de Oliveira Nogueira (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2048-9088>)

Advogada. Licenciada em Letras-Português pela UFES. Mestre em Linguística pela UFES (FAPES), Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio (CNPq), Pós-doutorado em Linguística pela UFES (CAPES/FAPES)

Antônio Barboza da Silva Júnior (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5805-4018>)

Professor. Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrando em Linguística pela UFES (PPGEL/FAPES)

Caroline Moreira Callegari (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6846-9572>)

Professora. Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestranda em Linguística pela UFES (PPGEL).

Recebido em setembro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.